

## **MEMÓRIA TUMULAR DA INFÂNCIA: BUSCANDO A ARTE FUNERÁRIA INFANTIL NO RIO GRANDE DO SUL**

*TUMULAR MEMORY OF CHILDHOOD: SEARCHING FOR CHILD'S FUNERAL ART IN  
RIO GRANDE DO SUL*

**Amanda Basilio Santos**

Doutoranda em História (PPGH-UFRGS) / Doutoranda em Memória Social e Patrimônio  
Cultural (PPGMP-UFPEL)  
amanda\_hatsh@yahoo.com.br

**Ronaldo Bernardino Colvero**

Doutor/UNIPAMPA (São Borja)  
rbcolvero@gmail.com

### **RESUMO**

Esta pesquisa intenciona realizar o levantamento e a análise da iconografia de monumentos tumulares infantis de crianças falecidas até os sete anos de idade, e erguidos no Rio Grande do Sul entre os séculos XIX e XXI, focando na análise de monumentos dos quatorze municípios mais antigos do Estado. A análise será composta pelo estudo dos elementos fotográficos e escultóricos, assim como do epitáfio e dados biográficos dos objetos, que compõe o monumento funerário. Em nossa pesquisa iremos abordar tais monumentos considerando sua materialidade, visualidade, espacialidade e significado sociocultural. Por meio do levantamento da arte cemiterial, buscamos construções da infância na vivência da perda e do luto. Compreendendo a representação infantil dentro do ambiente cemiterial, temos uma oportunidade de entendimento do papel social da criança, que se altera no tempo, assim como a escultura tumular e a construção da memória social da infância. Acompanhando estas modificações, e as escolhas feitas pelos familiares e pelos artistas para o estabelecimento da memória infantil após a perda nos permite refletir sobre a identidade e o papel atribuído para as crianças.

**Palavras-chave:** Arte Cemiterial. Iconografia. História da Arte. Infância.

### **ABSTRACT**

This research intends to survey and analyze the iconography of infant tomb monuments of children who died up to seven years of age and were built in Rio Grande do Sul between the 19th and 21st centuries, focusing on the analysis of monuments of the fourteen oldest municipalities of the RS. The analysis will be composed by the study of photographic and sculptural elements, as well as the epitaph and biographical data of the objects, which make up the funerary monument. In our research we'll approach such monuments considering their materiality, visuality, spatiality and sociocultural meaning. Through the survey of cemetery art, we seek constructions of childhood in the experience of loss and grief. Understanding children's representation within the cemetery environment, it's an opportunity to understand the social role of the child, which changes over time, as well as the tomb sculpture and the construction of the social memory of childhood. Accompanying these modifications, and the choices made by family members and artists to establish children's memory after loss allows us to reflect on the identity and role assigned to children.

**Keywords:** Cemetery art. Iconography. Art history. Childhood.

## Introdução

Este artigo pretende apresentar a pesquisa em corrente desenvolvimento no programa de Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural, no PPGMP da Universidade Federal de Pelotas. Tal pesquisa intenciona realizar o levantamento e a análise da iconografia de monumentos tumulares infantis de crianças falecidas até os sete anos de idade, e erguidos no Rio Grande do Sul entre os séculos XIX e XXI, focando na análise de monumentos dos quatorze municípios mais antigos do Estado. A análise será composta pelo estudo dos elementos fotográficos e escultóricos, assim como do epitáfio e dados biográficos dos objetos, que compõe o monumento funerário. Em nossa pesquisa iremos abordar tais monumentos considerando sua materialidade, visualidade, espacialidade e significado sociocultural.

Desta forma, este trabalho coloca-se em dois grandes grupos de estudos: os estudos cemiteriais e os estudos da infância. Estudar a representação infantil não é uma tarefa simples, principalmente por conta da escassez documental e da escolha do recorte temporal. Como destaca Ariès “até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la” (ARIÈS, 1975, p. 50). Esta escolha de não-representação nos diz muito sobre o papel social da criança em seu âmbito comunitário e público. Assim como a representação, ou a ausência da mesma, se modifica socialmente, também o fazem as identidades<sup>1</sup> à estas representações associadas. Estas alterações vistas em um processo de longa duração nos indicam que as identidades nunca são fixas, e por conta deste fato, as representações se modificam em acordo com os discursos e contextos em que se encontram inseridos, sendo constantemente reconstruídas em conformidade com os sistemas culturais, tal como proposto por Hall (2006).

No recorte temporal em que nosso estudo irá se desenvolver já temos um legado imagético e social de longa duração a se desenvolver:

A partir dos séculos 16 ou 17 [...] na França e em outros lugares, o surgimento de retratos e túmulos para crianças torna-se perceptível, junto com a crescente atenção

---

<sup>1</sup> Nesta pesquisa entendemos o conceito de identidade funcionando conjuntamente com o conceito de representação, tal como proposto por Chartier que nos fala sobre a relação bilateral entre representações e identidades, afirmando que as mesmas são “matrizes de discursos e de práticas diferenciadas [...] que têm por objectivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades – tanto a dos outros como a sua” (CHARTIER, 1990, p. 18). O autor Tomaz Tadeu da Silva (2014, p. 91), aprofunda esta relação, dizendo que “é por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir”, e que “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade”. Destacamos aqui a questão de dependência entre a identidade e a alteridade e como as representações e os usos do espaço de convivência pública, como as construções cemiteriais, possuem um papel nesta construção identitária de reconhecimento ou de formação da diferença.

dada aos sinais do que poderíamos chamar de 'infantilidade', e a crescente separação entre os mundos sociais da criança e do adulto [...] Os adultos estavam desenvolvendo uma percepção mais aguda da infância como uma forma de vida diferente da deles (BURKE, 2004, p. 129-130)

No século XIX temos uma configuração que alia a grande mortalidade infantil, e, portanto, uma vivência onde a perda de suas crianças é uma possibilidade constante, e também a preocupação e a individualização da infância e da noção de infantilidade, que torna estes sujeitos mais do que pequenos adultos, mas sim possuidores de uma idade biológica específica e com peculiaridades a serem atendidas. Ao invés de termos uma noção desta idade como sendo de ignorância (como vemos aparecer constantemente no período medieval) agora ela é associada à inocência e a fragilidade (GAWRYSZEWSKI, 2016).

A morte e o enterramento são estágios fundamentais da convivência humana, compartilhados e vividos socialmente, sendo assim ritualizados. Os ritos incluem as ações, assim como a cultura material e visual que são utilizadas para que se deem suas performances. Por exemplo, por meio do batismo, é realizada a inclusão do sujeito na comunidade cristã, sendo um significativo momento de passagem, onde há a purificação do pecado original e o comprometimento dos responsáveis pela formação do sujeito dentro dos preceitos da comunidade cristã. Já por meio do ato funerário se dá a efetiva separação entre os vivos e os mortos, havendo uma presença fulcral da cultura material para compor os ritos desta passagem, amenizando a dor dos vivos e honrando a memória dos mortos.

A escolha da imagem, da frase ou dos objetos infantis para a sepultura não é gratuita, traz uma afetividade que comove. Não é só uma forma de amenizar a dor, mas de manter a lembrança dessa criança para os próximos e os distantes. Nesse sentido, é impossível ficar impassível diante de uma sepultura de uma criança, que é repleta de significados.

O familiar da criança morta deseja prestar uma homenagem e, ao mesmo tempo, tecer uma memória dos laços construídos. Essa memória é um fato social, temporal e espacial. Na maioria das vezes, há liberdade de escolha das narrativas, dos signos e das imagens, que podem trazer impressões sobre o infante morto, suas relações sociais, escolares e familiares (GAWRYSZEWSKI, 2016, p. 292)

Deste modo, compreendendo a representação infantil dentro do ambiente cemiterial, temos uma oportunidade de entendimento do papel social da criança, que se altera no tempo, assim como a escultura tumular e a construção da memória social da infância. Acompanhando estas modificações, e as escolhas feitas pelos familiares e pelos artistas para o estabelecimento da memória infantil após a perda nos permite refletir sobre a identidade e o papel atribuído para as crianças.

## **Relevância dos estudos funerários infantis no RS**

Essa pesquisa se justifica, em primeiro lugar, pela escassez constatada durante o nosso levantamento bibliográfico no que concerne aos estudos cemiteriais do Rio Grande do Sul para com os monumentos tumulares infantis. Deste modo, esta pesquisa se pretende como uma contribuição para o levantamento e estudo do patrimônio cemiterial do RS, ao mesmo tempo buscando valorizar este patrimônio, e contribuir para a compreensão sociocultural que cerca os rituais de enterramento infantil, em um recorte temporal de longa duração, permitindo assim interpretar as alterações e permanências neste processo ao longo do tempo.

As pesquisas cemiteriais no RS são, majoritariamente, de mapeamento e de levantamento quantitativo, análise de simbologia e levantamentos genealógicos (ARAÚJO, 2006). Deste modo, este campo em plena expansão carece de maiores pesquisas que abarquem as múltiplas facetas que esta fonte - muitas vezes incompreendida - nos fornece para o campo sociocultural:

De fato, a historiografia brasileira e rio-grandense ainda oferece pouca atenção ao tema cemiterial, provavelmente devido à idéia fantasiosa sobre o contato com sentimentos ligados à morte e suas representações funerárias. Verificamos hoje a existência de um grande preconceito perante este tipo de visitação, isso se deve ao fato deste hábito não estar inserido na cultura brasileira. É necessário, para essa desmistificação, que se leve em consideração a relevância histórico-cultural e artística deste espaço (ARAÚJO, 2006, p. 14)

Nossa análise parte, como nos diz Maristela Carneiro, “do pressuposto de que a simbologia cemiterial objetiva a expressão ou a transmissão dos valores culturais, para o estabelecimento e reafirmação, ainda que de forma fragmentária, das identidades e relações sociais” (CARNEIRO, 2012, p. 136). Os cemitérios, portanto, ocupam um local fulcral para o entendimento dos agentes sociais e do contexto cultural de sua produção. Como destaca Coelho (1991):

Quem faz os cemitérios não são os mortos, mas os vivos. E fazem-nos não apenas para os mortos mas também (para não dizermos sobretudo) para os vivos. (...) Assim, os cemitérios funcionam como espelhos das aldeias, vilas ou cidades que os produzem. O conhecimento de uma qualquer comunidade ficará sempre incompleto se não incluir o seu cemitério (COELHO, 1991, p. 8)

Nosso estudo também se compromete com a tradição de análise imagética, valorizando estas fontes históricas. Os estudos no campo da imagem se consolidaram no decorrer do século XX, sendo muitos destes avanços devedores aos estudiosos da Escola de Warburg. Vemos uma mudança significativa no modo de se trabalhar com imagens, saindo de

um campo formalista, interessado pelo mapeamento de estilos e artistas, para um campo que tinha como proposta uma análise “*Kulturwissenschaftliche Bildgeschichte*”<sup>2</sup>, interpretando as imagens por um esquema sociocultural. Desta Escola, além de Aby Warburg, surgiram nomes reconhecidos de iconografistas, especialmente Erwin Panofsky, cuja metodologia empregaremos nesta pesquisa, e que foi o teórico responsável por definitivamente elevar a imagem enquanto objeto de análise e como um indicador social (PEREIRA, 2010). Quanto à fotografia cemiterial, esta possui um grande potencial enquanto fonte histórica, e deve ser entendida tal como proposto por Kossoy:

Toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si fragmento determinado da realidade registrada fotograficamente. Se, por um lado, este artefato nos oferece indícios quanto aos elementos constitutivos (assunto, fotógrafo, tecnologia) que lhe deram origem, por outro o registro visual nele contido reúne um inventário de informações acerca daquele preciso fragmento tempo/espaço retratado (KOSSOY, 2009, p. 46-47).

A pesquisa também ganha importância por dedicar-se à infância como um objeto de pesquisa, especialmente às construções iconográficas e escultóricas da infância em ambientes cemiteriais. Como Burke salienta “as crianças não aparecem com muita frequência nos documentos preservados nos arquivos, para escrever a sua história, foi necessário encontrar novas fontes” (BURKE, 2004, p. 129). Por conta disso, dentre outros fatores, as fontes visuais selecionadas tornam-se essenciais para a nossa pesquisa.

Finalmente, esta pesquisa justifica-se por uma constatação de experiência pessoal da pesquisadora. Considerando o estado de abandono que muitos cemitérios foram encontrados durante visitas preliminares para a composição desta pesquisa, e a grande riqueza material em termos de fontes históricas que se perdem todo o ano, considera-se urgente pesquisas que se debrucem sobre este patrimônio.

Nossa sociedade de consumo tenta contornar a finitude, envolvendo-a em asceticismo, buscando minimizar seu impacto, amenizar seu significado e reduzir as perdas que possa ocasionar. Paradoxalmente, faz aumentar o tabu sobre a morte e obscurece a realidade de que ela e a vida são inseparáveis (NUCCI, 2009, p. 198)

Factualmente, cada ano que decorre fontes são perdidas e vão tornando-se cada vez mais fragmentárias, desta forma tornando a análise ainda mais intrincada aos pesquisadores e diminuindo as possibilidades de pesquisa. Este abandono e a perda material é resultante e condizente com o contexto contemporâneo com o modo de ver e vivenciar a experiência da morte, que reflete em um descaso social com o espaço cemiterial e cinge este ambiente com

---

<sup>2</sup> Tradução Maria Cristina Pereira (2016): “História das imagens do ponto de vista sociocultural”.

receios, embora seja impossível se desvencilhar dele, dado que a morte é uma condição da vida.

### **Conceituando o campo de estudo**

Para efetuar a análise do nosso objeto de pesquisa, quatro conceitos serão fundamentais na busca por respostas às questões levantadas: Alegoria Funerária, Símbolo Ritual, Sócio-transmissores e Lugar de Memória.

O conceito de alegoria terá um papel fundamental na análise tanto das fontes fotográficas, quanto das fontes escultóricas. Em especial, salientamos a importância da alegoria funerária, tal como trabalhada por Carvalho (2008):

A ideia é que a alegoria faça referência à morte, sendo por meio de seu contrário ou de sua simbologia direta. A morte possui certos aspectos próprios, tais como o vazio, o finito, o eterno, o pesar, o sofrimento, a não aceitação, e a resignação. A alegoria não apenas decora o túmulo, mas deixa uma mensagem para quem fica em vida, mensagem esta que sempre deve lembrar a condição de finitude do próprio sujeito que contempla o indivíduo já falecido (CARVALHO, 2008, p. 415).

A utilização alegórica se constitui em um cenário no qual é possível representar uma ideia abstrata por meio de uma imagem que comporta uma concepção moralizante, sendo que uma alegoria pode ser composta por imagens individuais, por um grupo iconográfico ou de atributos. Segundo Ceia:

Uma alegoria é aquilo que representa uma coisa para dar a ideia de outra através de uma ilação moral [...]. Etimologicamente, o grego *allegoría* significa ‘dizer o outro’, ‘dizer alguma coisa diferente do sentido literal’ (CEIA, 1998, p. 1-4)

Os monumentos tumulares, a maior parte repletos de iconografia e elementos ornamentativos – principalmente os que compõem o recorte do século XIX –, são, na verdade, um objeto funcional (que possui como objetivo prático a guarda do corpo falecido) ornado por imagens, sejam escultóricas e/ou fotográficas. Sua função é prática e central na realização ritual da despedida e da separação da comunidade dos vivos e dos mortos. O túmulo é utilitário, feito para ser manipulado, tanto no ato do enterramento, quanto nos atos de luto que sucedem as visitas cimiteriais. Todavia, também pode ser visto como um objeto de arte, mas que não pode e não deve ser entendido fora desta funcionalidade ritual.

Esta questão da manipulação e do uso ritual é importante de ser visto em conjunto com o conceito de símbolo ritual, tal como trabalhado por Victor Turner. Primeiramente, é importante destacar que Turner entende por Ritual (2005, p. 49) “o comportamento formal

prescrito para ocasiões não devotas à rotina tecnológica, tendo como referência a crença em seres ou poderes místicos” e por símbolo (2005, p. 49) “a menos unidade do ritual que ainda mantém as propriedades específicas do comportamento ritual; é a unidade última da estrutura específica em um contexto ritual”. Para ele, “um ritual é entendido – aí implementando-se a ideia literal de decodificação – ao nível de sua representação simbólica. O ritual é a simbologia que canta, dança, se move” (COSTA, 2013, p. 58), e esta ritualidade pode ser também entendida como uma memória, considerando que “a ideia de memória está implícita, para Turner, nos símbolos, pois estes são expressões da memória social” (COSTA, 2013, p. 58). O ritual estabelecido por meios simbólicos é melhor compreendido ao ser associado ao pensamento simbólico:

O pensamento simbólico é elemento central das representações da vida, da morte e da memória. Há indícios remotos, como o empoar dos cadáveres com ocre vermelho, de que o pensar simbolista, em fins do paleolítico, já regia situações de abstração frente a fenômenos desconhecidos e incoercíveis [...] É próprio da ação do símbolo a representação de algo que está ausente. Sua criação e seu uso estão, deste modo, intrinsecamente vinculados a algo que não está e deve se fazer presente através de signos metafóricos, que afiançarão sua memória. A morte e os monumentos funerários, nesta perspectiva, são um grande meio de expressão simbólica (AHLERT, 2017, p. 2)

Quanto ao conceito de sóciotransmissores de Joël Candau, este nos auxilia a entender que “todas as produções e comportamentos humanos que estabelecem uma cadeia causal cognitiva social ou cultural entre pelo menos duas mentes-cérebro [...] Vários objetos desempenham um papel fundamental na sócio-transmissão” (CANDAU, 2009, p. 8). Estes elementos de transmissão da memória são fundamentais para o compartilhamento memorial. Podem então ser entendidos como os condutores da comunicação sociocultural e da participação do sujeito social em uma rede de rememoração coletiva, assim como nos momentos de sua manifestação. As sociedades se utilizam, portanto, dos sóciotransmissores no ato das evocações dos símbolos que a representam, na materialização de suas experiências, e na vivência de suas memórias. O autor também salienta sobre os sóciotransmissores:

Pocos objetos patrimoniales responden tan bien a su vocación de memoria como los lugares importantes, los monumentos y las estatuas. Los ‘difusores’ de la memoria por excelencia son los monumentos a los muertos, las necrópolis, los osarios, etc. y, de manera más general, todos los monumentos funerarios que son el soporte de una fuerte memoria afectiva<sup>3</sup> (CANDAU, 2002, p. 92-93).

---

<sup>3</sup> Tradução da Autora: “Poucos objetos patrimoniais respondem tão bem a sua vocação memorial como os lugares importantes, os monumentos e as estátuas. Os transmissores de memória por excelência são os monumentos aos mortos, as necrópoles, os ossuários, etc. e, de maneira mais geral, todos os monumentos funerários são suportes de uma forte memória afetiva.”

Os cemitérios são vistos em nossa pesquisa, como destacado acima por Candau, como estes locais de forte memória afetiva, e os entendemos como locais privilegiados para a construção e manutenção das memórias locais, como mediadores para a manutenção dos costumes e das tradições, assim como dos discursos identitários. Serão vistos também sobre o prisma dos lugares de memória. Segundo Nora (1988):

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais [...] Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria (NORA, 1988, p. 13)

Associando o ritual, a sociedade contemporânea com os lugares de memória, Nora nos traz:

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção [...] Valorizando, por natureza, mais o novo do que o antigo, mais o futuro do que o passado. Museus, arquivos, cemitérios e coleções [...] são os marcos testemunhais de uma outra era, das ilusões da eternidade [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza [...] sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos (NORA, 1988, p. 12-13)

Deste modo, ele destaca o aspecto ambíguo da existência destes lugares de memória e da própria natureza da sociedade contemporânea, e da necessidade de manutenção destes locais para fornecimento de sentido histórico e de pertencimento. A morte, sendo um momento fundamental não apenas para o indivíduo, mas para a comunidade em que este pertence, se torna central neste sistema repleto de rituais para a continuidade social. Os cemitérios, sendo lugares de memórias, são mecanismos rituais de uma artificialização da memória, a transformando em história, que posteriormente pode vir a ser transformado em patrimônio. Todas estas etapas nos auxiliam a compreender os processos sociais destas passagens e os agentes que estão nelas envolvidos.

Para além dos conceitos que nortearão esta pesquisa acreditamos importante destacar algumas questões relevantes sobre a natureza de nossa fonte fotográfica cemiterial, que possui particularidades:

Um importante diferencial da fotografia cemiterial em relação às demais é a impossibilidade de essa ser vista pelo fotografado, ao menos no uso na sepultura, é claro. Uma imagem é baseada na tríade fotografado-fotógrafo- observador, segundo a maioria dos estudos. Entretanto, a imagem cemiterial é considerada de outro modo. Nesse caso, um observador (um familiar, por exemplo) escolheu a fotografia como fonte de memória e recordação, formando-se uma dupla. Portanto, o observador passa a “autor”, ser atuante; o fotografado, torna-se um ser passivo (caso



não tenha escolhido a fotografia ainda em vida para ornamentar a sepultura) e o passante transforma-se em observador. Podemos acrescentar também o espaço físico em que se encontra a fotografia: o cemitério. Um espaço público que recebe a visita de pessoas que não tiveram nenhum contato com o falecido. Mas, tratando-se de uma criança, é quase impossível ficar impassível diante da fotografia no túmulo. Estamos, portanto, diante de um grande diferencial no mundo da imagem (GAWRYSZEWSKI, 2016, p. 293)

Gostaríamos de nos dedicar por um momento aos estudos que envolvem a temática da morte nas últimas décadas. A historização da morte e seu posto enquanto um objeto de pesquisa é algo que aconteceu paralelamente com as modificações dentro do campo historiográfico no decorrer do século XX, e os estudos que surgiram destas mudanças são fundamentais para os campos destes estudos, e para a categorização da morte como acontecimento sociocultural. A Escola dos Annales e suas propostas para mudanças essenciais no campo da historiografia acompanharam muito do que temos nesta área específica de estudos, como o estreitamento disciplinar, onde intercâmbios de método e de teorias são feitos de forma consistente, principalmente entre a história, antropologia e a sociologia.

Para Vovelle (1996), historiador de fundamental importância na construção do contexto da morte no Ocidente em nossa pesquisa, entender a história da morte é compreender a construção das atitudes que os vivos, coletivamente, desenvolveram para lidar com a perda no decorrer do tempo. Em outras palavras, é entender como os vivos vivem a morte e lidam com a consciência de seu fim inevitável. É, portanto, um fenômeno social, cultural e conectado à contextos específicos.

Outro autor capital em nossa pesquisa, Oexle (1996) defende que a historiografia a partir da década de 1970, demarcada pela presença de autores franceses, destacou a importância do comportamento humano perante a morte, focando especialmente nas modificações destes comportamentos no decorrer do tempo, havendo um foco na longa duração, chegando até o tempo presente, algo muito presente nas obras de Ariès.

Trata-se basicamente de uma linha de pesquisa “especificamente” francesa, claramente influenciada pelos procedimentos característicos da nova produção no âmbito da história social e pelo vínculo, muito típico dessa esfera de pesquisa, entre a observação de fatos “reais” e a simultânea apreensão das formas de pensar que permitem compreender esses fatos. Um dos pressupostos básicos da história da morte é também a relevância daquilo que G. Duby denominou “a parte do imaginário na evolução das sociedades humanas”. (OEXLE, 1996, p. 28)

Por fim, no que concerne à produção estrangeira, destacamos a obra de Philippe Ariès, principalmente no que compete aos estudos sobre os discursos coletivos que cercam a morte e os rituais funerários no âmbito da *longue durée*. Sua obra foi fundamental na consolidação dos campos das mentalidades, do inconsciente coletivo e os estudos funerários. Todavia, com

o tempo, e as pesquisas sendo desenvolvidas em diversos campos do conhecimento, as obras foram se distanciando dos estudos das mentalidades, e buscando outras formas de abordagem para as pesquisas cemiteriais, como por exemplo, as pesquisas sobre identidade e embates e construções memoriais, algo com o qual nossa pesquisa está diretamente preocupada.

Já no âmbito nacional temos algumas obras basilares para o diálogo com a nossa pesquisa, tanto em publicações de artigos<sup>4</sup>, como dissertações e teses, e livros clássicos dos estudos funerários<sup>5</sup>. Quanto ao papel das crianças nestes espaços fúnebres, temos um espectro bem mais restrito de obras, e damos destaques para as pesquisas desenvolvidas por Gawryszewski (2016), Panvio e Silveira (2010), Santos (2013), Siqueira e Jovino (2016) e Vailati (2010) para compor nosso referencial bibliográfico<sup>6</sup>.

### **Considerações finais**

Este artigo pretendeu expor de modo introdutório os caminhos estabelecidos para a pesquisa em desenvolvimento no PPGMP, buscando apresentar o objeto de pesquisa, assim como as escolhas teóricas selecionadas para a análise dos dados ainda em processo de levantamento. Tratando-se de uma pesquisa ainda nos seus estágios iniciais, não buscamos apresentar aqui nenhuma conclusão a partir das fontes coletadas, mas sim um panorama geral de seu esqueleto específico e do campo em que se insere.

---

<sup>4</sup> Gostaríamos de destacar: AHLERT, J. Cultura material funerária: as alegorias do Cemitério Vera Cruz (Passo Fundo/RS). *Seminário Internacional de Cultura Material e Arqueologia*, Passo Fundo, 1, 2017. 1-16; ANDRADE, M. M. D. Público, Privado e Contextos Funerários. *Revista Phoênix*, Rio de Janeiro, 10, 2004. 229-245; ARAÚJO, T. N. D. Espaço das representações da morte: Arte tumular como expressão da cultura. *Anais do IV Encontro Nacional do GT História Das Religiões e das Religiosidades*, Maringá, 5, n. 15, jan. 2013. 1-14; KOURY, M. G. P. Fotografia e sociedade: representações sociais sobre a fotografia mortuária em João Pessoa-PB. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, João Pessoa, 15, n. 43, 2016. 7-22; MOTTA, A. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 16, n. 33, jan/jun 2010. 55-80.

<sup>5</sup> Com especial destaque às obras: BELLOMO, H. R. (Ed.). *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. CHIAVENATO, J. J. *A morte: uma abordagem sociocultural*. São Paulo: Moderna, 1998; CYMBALISTA, R. *Sangue, Ossos e Terras: os mortos e a ocupação do território na América Portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2011.

<sup>6</sup> Em língua inglesa temos duas obras fundamentais dos estudos cemiteriais infantis: AVERY, G.; REYNOLDS, K. (Eds.). *Representations of Childhood Death*. Nova York: MacMillan Press, 2000 e MURPHY, E.; LE ROY. *Children, Death and Burial: Archaeological Discourses*. Oxford: Oxbow Books, v. 5, 2017.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, R. **A Fabricação do Imortal**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- AHLERT, J. Cultura material funerária: as alegorias do Cemitério Vera Cruz (Passo Fundo/RS). **Seminário Internacional de Cultura Material e Arqueologia**, Passo Fundo, 1, 2017. 1-16.
- ALMEIDA, M. D. G. D. Imagens Fotográficas: a presença ausente. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, julho 2011. 1-16.
- ALMEIDA, S. L. V. D. **Forma e conceito na escultura de Oitocentos**. Lisboa: Tese apresentada ao curso de História da Arte Contemporânea da Universidade Nova Lisboa. 364 p., v. I, 2012.
- ANDRADE, M. M. D. Público, Privado e Contextos Funerários. **Revista Phoênix**, Rio de Janeiro, 10, 2004. 229-245.
- ARAÚJO, T. N. **Túmulos Celebrativos de Porto Alegre: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889 – 1930)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- ARAÚJO, T. N. D. Espaço das representações da morte: Arte tumular como expressão da cultura. **Anais do IV Encontro Nacional do GT História Das Religiões e das Religiosidades**, Maringá, 5, n. 15, jan. 2013. 1-14. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>>.
- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, v. 2, 1978.
- ARIÈS, P. **EL Hombre Ante la Muerte**. Madri: Taurus Ediciones, 1987.
- ARIÈS, P. **História da Morte no Ocidente. Da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- AVERY, G.; REYNOLDS, K. (Eds.). **Representations of Childhood Death**. Nova York: MacMillan Press, 2000.
- BARBOZA, V. M. Sociedade dos vivos x cidades dos mortos: a visão da morte na sociedade erchinense. **Perspectiva**, Erechim, 37, n. 140, 2013. 125-137.
- BARRAU, A. **Socio-économie de la mort: de la prévoyance aux fleurs de cimetièrè**. Paris: L'Harmattan, 1992.
- BARTHES, R. **A câmara clara: notas sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- BASTIANELLO, E. M. T. **Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual (1858-1950)**. Pelotas: Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. 169p., 2010.

- BAYARD, J. P. **Sentido oculto dos ritos mortuários: Morrer é morrer?** São Paulo: Paulus, 1996.
- BELLATO, R.; CARVALHO, E. O jogo existencial e a ritualização da morte. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, 13, n. 1, 2005.
- BELLOMO, H. R. (Ed.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- BERTRAND, F. **Politiques de la mort, politiques urbaines: évolutions et enjeux.** Belleville: DEA de projet architectural et urbaines, École de Paris, 1994.
- BLUME, S. **Morte e Morrer nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul: recortes do cotidiano.** São Leopoldo: Dissertação apresentada à Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 290 p., 2010.
- BORGES, D. R. **Registros de memória em imagens: usos e funções da fotografia mortuária em contexto familiar na cidade de Bela Vista de Goiás (1920-1960).** Goiânia: Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, 2008.
- BORGES, M. E. Arte funerária: representação da criança despida. **História**, São Paulo, 14, 1995. 173-187.
- BORGES, M. E. Arte Funerária no Brasil: contribuições para a historiografia da arte brasileira. **XXII Colóquio Brasileiro de História da Arte**, Porto Alegre, 2003. 1-20.
- BORGES, M. E. Arte funerária no Brasil: uma pesquisa peculiar no campo das artes visuais. **Locus - Revista de História- UFJF**, 37, n. 01, 2013. 103-123.
- BORGES, M. E. L. **História & Fotografia.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade.** São Paulo: T.A. Queiroz - Editora da USP, 1987.
- BRIZOLA, J. H. **A terrível moléstia: Vacina, epidemia, instituições e sujeitos: a história da varíola em Porto Alegre no século XIX (1846-1874).** Porto Alegre: PPG História/UFRGS, Dissertação de Mestrado, 2014.
- BROOKS, C. (Ed.). **Mortal remains: the history and present state of Victorian and Edwardian cemetery.** Londres: Victorian Society, 1989.
- BURKE, P. **Testemunha Ocular: História e Imagem.** São Paulo: EDUSC, 2004.
- BURKE, P. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BURNS, B. **Sleeping beauty: memorial photography in America.** Altadena: Twelvetree Press, 1990.
- CARNEIRO, M. Sistemas de Informações Geográficas: Ferramentas Tecnológicas para a Pesquisa Cemiterial. **Habitus**, Goiânia, 10, n. 1, jul/dez 2012. 135-149.

- CARNEIRO, M. Construções tumulares e representações de alteridade: materialidade e simbolismo no Cemitério Municipal de São José, Ponta Grossa/PR/BR 1881-2011. **Revista Inter-Legere**, 2013. 275-291.
- CATROGA, F. **O céu da memória**: Cemitério romântico e culto cívico dos mortos. Coimbra: Minerva, 1999.
- CEIA, C. Sobre o Conceito de Alegoria. **Matraga**, n. 10, p. 1-7, agosto 1998.
- CHARÃO, E. B. O sagrado e o profano nos Cemitérios de Bagé/RS. **Estudios Historicos - CDHRP**, 2, agosto 2009. 1-14.
- CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, R. O Mundo como Representação. **Estudos Avançados**, 11, n. 5, 1991. 172-191.
- CHIAVENATO, J. J. **A morte**: uma abordagem sociocultural. São Paulo: Moderna, 1998.
- CIQUINI, F. H. **Entre rastros e restos**: a imaginação como arqueologia da imagem. São Paulo: Tese apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 154 p., 2016.
- CLARK, D. (Ed.). **The sociology of death**: theory, culture, practice. Oxford: Blackwell, 1993.
- CYMBALISTA, R. **Cidades dos Vivos**: Arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2002.
- CYMBALISTA, R. **Sangue, Ossos e Terras**: os mortos e a ocupação do território na América Portuguesa. São Paulo: Alameda, 2011.
- DIAS, V. M. L. **Cemitérios, jazigos e sepulturas**: Estudo histórico, artístico, sanitário e jurídico. Coimbra: Coimbra Editora Ltda, 1963.
- DOBERSTEIN, A. W. **Estatuária, Catolicismo e Gauchismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- DUBOIS, P. **O Ato Fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papyrus, 1993.
- DULLIUS, W. M. **Cemitérios das Colônias Alemãs no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Gráfica Metrópole, 1985.
- ELIAS, N. **A Solidão dos Moribundos, seguido de Envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ELUSTA, H. A. D. L. **Visita ao museu de pedra**: arte no Cemitério da Saudade de Campinas – SP (1881 -1950). Goiânia: Universidade Federal de Goiás - Faculdade de Artes Visuais, v. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais, 2008. 164 p.
- FABRIS, A. (Ed.). **Fotografia**: usos e funções no século XIX. São Paulo: EDUSP, 1991.
- FERREIRA, A. D. **Imagens Sentimentais da Cidade**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1940.

- FLORES, A. P. M. **Descanse em paz:** testamentos e cemitério extramuros na Santa Maria de 1850 a 1900. Porto Alegre: PPG História/PUCRS, Dissertação de Mestrado, 2006.
- GAWRYSZEWSKI, A. A representação da morte infantil em imagens cemiteriais no Brasil (séculos XIX e XX). **História: Debates e Tendências**, 16, n. 2, 2016. 291-313.
- GOFF, J. L. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- GRASSI, C. **Um olhar. A arte no silêncio**. Curitiba: Edição do Autor, 2006.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HALLAN, E.; HOCKEY, E.; HOWART, G. (Eds.). **Beyond the body:** death and social identity. Londres: Routledge, 1999.
- HERTZ, R. A Contribution to the Study of the Collective Representation of Death. In: ROBBEN, A. C. G. M. **Death, Mourning, and Burial:** a cross-cultural reader. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.
- HOULBROOKE, R. (Ed.). **Death ritual and bereavement**. Londres: Routledge, 1989.
- JUNIOR, O. G. A visão da morte ao longo do tempo. **Revista Medicina - Simpósio Morte: Valores e Dimensões**, Ribeirão Preto, 38, n. 1, 2005.
- KOSSOY, B. Fotografia. In: ZANINI, W. **História Geral da Arte no Brasil**. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983. p. 869-913.
- KOURY, M. G. P. Você fotografa os seus mortos? Fotografia e morte no Brasil urbano. In: KOURY, M. G. P. **Imagem e memória:** ensaios em antropologia visual. Rio de Janeiro: Garamond, 2001. p. 51-94.
- KOURY, M. G. P. Fotografia e sociedade: representações sociais sobre a fotografia mortuária em João Pessoa-PB. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, 15, n. 43, 2016. 7-22.
- LAUWERS, M. **O nascimento do cemitério:** Lugares sagrados e terra dos mortos no Ocidente medieval. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.
- LOUREIRO, M. A. S. **Origem Histórica dos Cemitérios**. São Paulo: Secretaria de Serviços e Obras da Prefeitura do Município, 1977.
- MARTINS, J. D. S. (Ed.). **A morte e os mortos na sociedade brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1983.
- MEIRELLES, P. V. M. **Geografia Social da Morte:** Uma análise espacial do Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Porto Alegre: Departamento de História/UFRGS, Trabalho de Conclusão de Curso, 2010.
- MEIRELLES, P. V. M. **Um terreno cheio de asperezas:** O Cemitério da Matriz de Porto Alegre no cotidiano da cidade (1772-1888). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio

Grande do Sul - Instituto de Ciências Humanas, v. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, 2016. 250 p.

MITFORD, J. **The American way of death revisited**. Nova York: Vintage Books, 2000.

MOTTA, A. **À flor da pedra. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2009.

MOTTA, A. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, 24, n. 71, 2009. 73-93.

MOTTA, A. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, 16, n. 33, jan/jun 2010. 55-80.

MURPHY, E. M.; LE ROY, M. Introduction: Archaeological Children, Death and Burial. In: MURPHY, E.; LE ROY, **Children, Death and Burial: Archaeological Discourses**. Oxford: Oxbow Books, v. 5, 2017. p. 1-18.

NOGUEIRA, R. D. S. Elos da memória: passado e presente, cemitério e sociedade. **Vivência: Revista de Antropologia**, 39, 2012. 83-89.

NORA, P. O retorno do fato. In: GOFF, J. L.; NORA, P. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Proj. História**, São Paulo, 10, dez 1993. 7-28.

NUCCI, N. A criança e a morte: um encontro existencial. In: SANTOS, F. S. **A arte de morrer: visões plurais**. São Paulo: Editora Comenius, v. 2, 2009.

PANCINO, C.; SILVEIRA, L. “Pequeno demais, pouco demais”. A criança e a morte na Idade Moderna. **Cadernos de História da Ciência - Instituto Butantan**, 1, jan/jul 2010. 179-212.

PANOFSKY, E. **Tomb Sculpture**. Nova York: H. W. Janson, 1964.

PRIORE, M. D. **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

RAGON, M. **L’espace de la mort: essai sur l’architecture, la décoration et l’urbanisme funéraires**. Paris: Albin Michel, 1981.

REIS, J. J. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REZENDE, E. C. M. **Metrópole da Morte Necrópole da Vida**. São Paulo: Carthago, 2000.

RIBEIRO, A. L. R. **Memória e Identidade: Reformas urbanas e arquitetura cemiterial na região cacaueira (1880-1950)**. Ilhéus: Editus, 2005.

RIBEIRO, M. S. **Arqueologia das práticas mortuárias: uma abordagem historiográfica**. São Paulo: Alameda, 2007.

- ROCHA, M. A. B. D. B. **Transformações nas Práticas de Enterramentos: Cuiabá, 1850-1889.** Mato Grosso: Central do Texto, 2005.
- RODRIGUES, C. **Nas fronteiras do Além: A secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX).** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- RODRIGUES, C.; LOPES, F. H. (Eds.). **Sentidos da morte e do morrer na Ibero-América.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- RODRIGUES, P. A. C. **Duas faces da morte: o corpo e a alma do Cemitério Nossa Senhora da Soledade, em Belém/PA.** Rio de Janeiro: Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 425p., 2014.
- SANTOS, C. A. Á. Alegoria, Iconografia, Iconologia. **Seminário de História da Arte, Pelotas, V. 4, 2014.** 1-38.
- SANTOS, C. J. D. Anjos sitiados: memórias sobre os cemitérios de anjinhos no Cariri Cearense. **XXVII Simpósio Nacional de História, Natal, julho 2013.** 1-13.
- SARIAN, H. Arqueologia da Imagem: aspectos teóricos e metodológicos na iconografia de Héstia. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, v. 3, p. 69-84, 1999.**
- SILVA, L. G. D. A. E. **Memórias de um Ofício: Os Marmoristas e o Cemitério Municipal de Juiz de Fora (1864-1974).** Pelotas: Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. 122 p., 2016.
- SILVA, S. R. R. **A Representação do Herói na Arte Funerária do Rio Grande do Sul (1900 - 1950).** Porto Alegre: Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História. Instituto de Filosofia, Ciências e Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.
- SILVA, T. T. (Ed.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SIQUEIRA, A.; JOVINO, I. a modificação da representação da morte de crianças do século XIX ao século XXI. **XXV Encontro Anual de Iniciação Científica, Ponta Grossa, 2016.** 1-4.
- SLOANE, D. C. **The last great necessity: cemeteries in American history.** Baltimore: Johns Hopks, 1991.
- SORIO, L. **Cemitérios da província: história e arte cemiterial em Porto Alegre.** Porto Alegre: Edição do Autor, 2009.
- SOUZA, P. A. P. D. **Esculturas figurativas no cemitério do Alecrim.** Natal: TCC apresentado ao Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 57 pag., 2017.
- STANFORD, P. **How to read a Graveyard: journeys in the company of the dead.** Londres: Bloomsbury, 2013.



STEYER, F. A. Representações e Manifestações Antropológicas da Morte em alguns Cemitérios do Rio Grande do Sul. In: BELLOMO, H. **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 67-118.

VAILATI, L. L. **A morte menina: infância e morte infantil no Brasil dos oitocentos** (Rio de Janeiro e São Paulo). São Paulo: Alameda, 2010.

VAILATI, L. L. “A última morada da infância”: representações e transformações dos lugares de sepultamento infantis nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 8, 2014. 291-306.

VALDEZ, D. **Filhos do pecado, moleques e curumins: imagens da infância nas terras goyanas do século XIX**. Goiânia: Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, 1999. 216 p.

VALLADARES, C. **Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, v. Tombo I, 1972.

VIÑUALES, R. G. El Patrimonio Funerario en Latinoamérica. Una valoración desde la historia del arte contemporáneo. **APUNTES - Pontificia Universidad Javeriana**, Bogotá, 18, n. 1-2, 2005. 70-89.

VOVELLE, M. **La mort et l’Occident de 1330 à nous jours**. Paris: Gallimard, 1988.

VOVELLE, M. **Imagens e imaginário na História – Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

VOVELLE, M.; BERTRAND, R. **La Ville des Morts: essai sur l’imaginaire urbain contemporain d’après les cimetières provençaux**. Paris: Centre National de La Recherche Scientifique, 1983.

WORPOLE, K. **Last Landscapes: the architecture of the cemetery in the west**. Londres: Reaktion Books, 2003.

XAVIER, P. **A morte: símbolos e alegoria**. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

ZILLES, U. **A significação dos símbolos cristãos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.